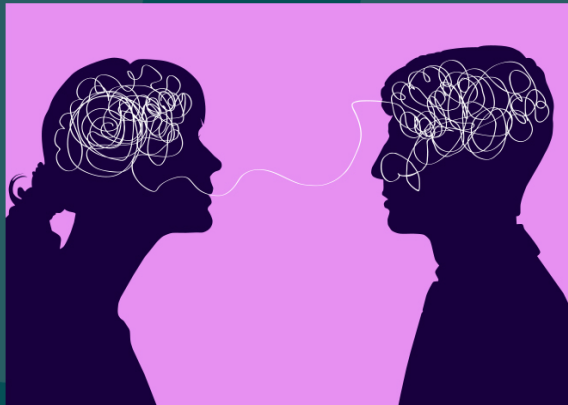


31 DESAFIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA:
DO OLHAR DA LINGUÍSTICA
TEXTUAL À PERSPETIVA
RETÓRICA-ARGUMENTATIVA



Isabel Roboredo Seara
Sueli Cristina Marquesi
Luiz Antônio Ferreira
[Org.]

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA** — 2022
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa – Portugal
<https://portal.uab.pt/>
Coleção: eUAb | Coleção Universitária; N.º 31
ISBN: 978-972-674-932-5
DOI: <https://doi.org/10.34627/uab.cu.31>

DO PAPEL EM BRANCO AO SURGIMENTO DA AUTORIA: proposições da Retórica para os conflitos da escrita científica

Maria Flávia Figueiredo
Unifran/Grupo PARE

1 INTRODUÇÃO

A escrita é um poderoso instrumento de demonstração do pensamento, um caminho para demarcação de identidades, uma válvula encantadora para ressaltar os sentimentos mais recônditos, demonstrar nossas crenças e imprimir verossimilhança ou verdades no discurso. (...) escrever é um exercício profundo de humanidade, de esforço de interação e demonstração de nossa inequívoca capacidade de operar com a linguagem verbal.

(Luiz Antonio Ferreira)

Todos nós que temos como ofício a escrita sabemos o que é estar diante de um papel em branco, sem inspiração suficiente para preenchê-lo. Esse drama parece acompanhar a muitos dos que se esforçam para registrar suas descobertas, suas inseguranças e seus medos.

Como orientadora de trabalhos científicos, acompanho a labuta de meus orientandos na tarefa de aprender a redigir corretamente, a respeitar as expectativas e coerções dos gêneros acadêmicos e a se fazer entender pela comunidade científica. Labuta que compreendo e de que comparto plenamente no meu exercício de pesquisadora.

Tomada pela teoria que nos últimos anos tem instigado minhas especulações investigativas – a retórica –, comecei, então, a perceber possíveis explicações para os percalços e desafios da escrita científica. Este trabalho é, pois, o resultado de minhas reflexões sobre os dois campos do saber com os quais convivo e sobre os quais reflito diariamente: a Retórica e a Escrita Científica.

O maior desafio encontrado por um produtor de textos em geral, mormente de textos científicos, é permitir a eclosão do autor que existe em cada um de nós. Para que isso ocorra, há a necessidade de se submeter a regras (impostas pela gramática e pelas exigências da norma culta), à avaliação externa (feita por professores e pares⁴⁴) e aos bloqueios internos, de ordem afetiva⁴⁵ (construídos ao longo de uma história de vida). Além disso, obviamente, está a necessidade de se conhecer o que se quer transmitir e registrar.

Tomando como foco esses bloqueios internos do ser humano e seus julgamentos equivocados em relação à redação acadêmica, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre as possíveis contribuições e proposições da retórica para os desafios da escrita científica.

⁴⁴ De acordo com Aristóteles (2015, p. 131), são “‘nossos pares’ os nossos compatriotas, os nossos concidadãos, os que são da nossa idade, da mesma família e, em geral, os que são da nossa condição”.

⁴⁵ Referente a “afeto”, tal como concebido na psicanálise, isto é, resultado de tudo aquilo que nos afeta. No *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*, encontramos o seguinte esclarecimento: “a etimologia da palavra *afeto* evidencia que ela alude a sentimentos que afetam – tanto no sentido de *afeições* como de *afecções* – o psiquismo do sujeito”. (ZIMERMAN, 2001, p. 23, grifos do autor)

2 A RETÓRICA E SEU CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Ao longo da história, a retórica recebeu uma quantidade de definições mais ou menos concorrentes que por vezes se excluíam, mas que por vezes também se imbricavam parcialmente.

(Michel Meyer)

Para explicar em que consiste a retórica, comecemos pelo mais trivial e pelas concepções que alimentam o senso comum. No Dicionário Houaiss (2001), por exemplo, encontramos as seguintes acepções para o verbete:

n substantivo feminino

1 Rubrica: filosofia, retórica.

a arte da eloquência, a arte de bem argumentar; arte da palavra

2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: retórica.

conjunto de regras que constituem a arte do bem dizer, a arte da eloquência; oratória

2.1 Rubrica: retórica.

uma das três disciplinas de que se constituía o *trivium*, na Idade Média, e era ensinada nas universidades

3 Derivação: por metonímia.

aula em que se ensinava essa arte

4 Derivação: por metonímia.

livro ou tratado sobre retórica

5 uso da eloquência; utilização dos recursos, das regras da retórica.

6 Derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo.

emprego de procedimentos enfáticos e pomposos para persuadir ou por exibição; discurso bombástico, enfático, ornamentado e vazio

7 Uso: pejorativo.

discussão inútil; debate em torno de coisas vãs; logomaquia

De acordo com as definições desse dicionário, já podemos entrever que, ao longo dos tempos, o termo “retórica” ganhou acepções positivas por um

lado (como “a arte de bem argumentar”, “arte da palavra”) e também bastante negativas por outro (como “discurso ornamentado e vazio”, “discussão inútil”).

Todos esses significados reforçam as palavras do filósofo belga, Michel Meyer, em epígrafe. Esse mesmo autor enfatiza que há uma ausência de unidade no que tange à significação precisa desse campo do saber. Porém, há definições que se tornaram clássicas e que acabaram por assumir o *status* de credibilidade em termos teóricos, sobretudo em função de seus proponentes. Vejamos algumas delas.

Aristóteles, grande sistematizador dos estudos retóricos, na obra intitulada *Retórica*, datada do século IV a.C., assim define esse campo do saber: “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 62)

O mesmo objetivo descrito por Aristóteles (“o fim de persuadir”) é preservado e retomado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 50) em seu *Tratado da Argumentação*, vinte séculos depois, agora pelo viés da argumentação e pela sua relevância no campo do Direito:

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Michel Meyer (2007), na obra *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*, enfatiza, dentre outras contribuições históricas, o papel da linguística e da psicologia cognitiva para os desdobramentos da retórica na segunda metade do século XX. Para o autor, em função da crescente influência desses dois campos do saber, o entendimento do que vem a ser retórica se decompõe “em termos de discurso e de efeitos de sentido” (MEYER, 2007, p. 21). Dessa influência, decorre a seguinte noção: “a retórica é o encontro dos homens e da linguagem na exposição das suas diferenças e das suas identidades” (MEYER, 2007, p. 26). Ademais, pelo fato de acreditar que todas as causas e teses defendidas no âmbito retórico são de fato questões, é que o filósofo belga assim a retrata: “a retórica é a negociação da distância entre os homens a propósito de uma questão, de um problema” (MEYER, 2007, p. 27).

Esperamos que as definições aqui expostas sejam suficientes para constituir uma breve apresentação daquela que vem a ser a área que servirá de base para a reflexão sobre a escrita científica proposta neste trabalho.

Quando escrevemos, temos que levar em conta alguns pressupostos descritos pela teoria retórica, os quais Abreu (2002, 2008), na releitura dos mestres da antiguidade, denomina “condições da argumentação”. Segundo o autor, a boa argumentação repousa sobre as seguintes bases:

- 1 identificar claramente seu objetivo, a tese que quer defender;
- 2 utilizar uma linguagem compatível com seu auditório;

3 ter credibilidade;

4 ter um contato positivo, amigável com o auditório. (ABREU, 2008, p. 63)

Todos esses fundamentos devem, sem dúvida, ser observados no momento em que nos dedicamos à escrita de qualquer natureza, porém não é sobre eles que nosso trabalho discorrerá. Nossa preocupação, aqui, é entender o que acontece no interior do ser humano, em termos afetivos e emocionais, que pode indispor-lo em relação ao processo de redação científica. Para isso, recorreremos às descrições feitas pelo mestre da retórica, Aristóteles, que, com perspicácia contundente, no segundo livro de sua obra *Retórica*, descreve as paixões que acometem a alma humana e a fazem subjugar.

Apenas a título de ilustração, para o mestre estagirita⁴⁶, as paixões humanas ou emoções são assim descritas: “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer”. (ARISTÓTELES, 2015, p. 116)

A reflexão feita pelo filósofo sobre as paixões foi de tamanha importância que tem sido retomada por pesquisadores de diversas áreas de interesse, tais como a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a linguística, a sociologia e, atualmente, a neurociência. Os apontamentos aristotélicos têm sido profícuos principalmente em função daquilo que nos recorda Meyer (2000, p. XXXIX): “Para Aristóteles, [...] as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso desestabiliza o homem.”

Aqui no Brasil, o livro II da *Retórica*, que abarca as reflexões do filósofo, recebeu uma edição bilíngue (português – grego) e foi prefaciada, com notável profundidade filosófica, por Michel Meyer. No prefácio da obra que recebeu o nome de *Retórica das paixões*, Meyer (2000, p. XL) assim se pronuncia: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência”.

Vejamos, então, como foram classificadas as paixões, segundo Aristóteles, e de que maneira elas poderão contribuir para a reflexão aqui proposta.

3 AS PAIXÕES HUMANAS

A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem.

(Michel Meyer)

Aristóteles interessou-se por descrever as paixões humanas em função de sua relevância para o processo persuasivo. Segundo o autor, o bom orador deve conhecer as emoções a que seu auditório está suscetível para poder despertar nele as paixões adequadas à persuasão. Daí a afirmação de Meyer (2000, p. XXXVIII): “as paixões servem para classificar os homens e descobrir se o que sentem é necessário para que quem quer convencê-los aja sobre eles”.

⁴⁶ Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, antiga região da Grécia.

Neste trabalho, porém, interessa-nos aproveitar a descrição minuciosa feita pelo filósofo de Estagira acerca das paixões com vistas a detectar aquelas que podem estar presentes no processo de elaboração de textos científicos e que, por vezes, acabam se interpondo como entraves emocionais.

As paixões que assolam a alma humana, de acordo com o autor da *Arte retórica*, são 14, com algumas variações: cólera, calma, temor (medo), segurança (confiança, audácia), inveja, impudência (desvergonha), amor (amizade), ódio (inimizade), vergonha, emulação, compaixão (piedade), favor (obsequiosidade), indignação e desprezo (indelicadeza).

Como veremos, paixões como o temor, a inveja, a vergonha, a emulação podem estar na base do comportamento do pesquisador frente à construção do texto acadêmico. Para refletir sobre isso, discorreremos inicialmente sobre a inveja e a emulação e suas implicações para o processo criativo. Em seguida, lançaremos um olhar sobre o temor, a confiança, a vergonha e a impudência.

3.1 Da inveja à emulação⁴⁷

Como caracteriza Aristóteles, a inveja traduz-se no “pesar pelo sucesso evidente de que gozam os iguais”. Seguindo essa linha de raciocínio, o filósofo declara: “não há dúvida de que a inveja é uma pena perturbadora que concerne ao êxito, não de quem o não merece, mas de quem é nosso igual e semelhante”. Por essa razão, “todos aqueles que conseguiram um objetivo são invejados por aqueles que não o alcançaram ou falharam” (ARISTÓTELES, 2005, p. 187).

A paixão da inveja pode, muitas vezes, vir acompanhada do sentimento de indignação, o que explica o fato de invejarmos aqueles que possuem as vantagens que deveriam caber a nós. Nesse sentido, o sentimento da indignação pode, pois, ser entendido como “uma pena sentida relativamente a quem parece gozar de uma felicidade imerecida”. (ARISTÓTELES, 2015, p. 138)

A essa reflexão, o filósofo acrescenta que o que mais nos causa inveja são os bens que pensamos “que é preciso tê-los ou **cuja posse asseguraria um pouco de superioridade**”. (ARISTÓTELES, 2005, p. 190, grifos nossos)

As palavras em destaque nos fornecem as pistas necessárias para entender como o sentimento da inveja pode interferir na escrita científica. Por vezes, gostaríamos de tomar posse daquilo que estamos lendo como se fosse nosso. Gostaríamos de não ter que percorrer todo o caminho trilhado pelo autor para chegar àquela conclusão, mas simplesmente tomá-la para nós, acometidos da falsa crença de que isso nos asseguraria certa superioridade. Esse é, claramente, um raciocínio decorrente da inveja.

Dentre as inúmeras definições e caracterizações dadas a essa paixão, parece-me bastante elucidativa a ideia de concebê-la como um atalho, ou seja, ao invés de transcorrer o longo caminho para atingir um objetivo já atingido por um de meus pares, tomado pela ilusão e movido pelo sentimento da inveja, busco encontrar um atalho que possa me conduzir ao gozo da conquista sem ter que passar pelos percalços da batalha para obtê-la.⁴⁸

⁴⁷ Parte da reflexão aqui apresentada foi publicada em capítulo da mesma autora (FIGUEIREDO, 2015) escrito para a obra *Temas e rumos nas pesquisas em linguística (aplicada): questões empíricas, éticas e práticas*.

⁴⁸ Acerca das demais caracterizações e definições da inveja e da emulação como paixões aristotélicas sugiro a leitura de dois capítulos de minha autoria: “Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da linguística

Não bastasse discorrer sobre o sentimento da inveja em si, Aristóteles, ao buscar descrever as circunstâncias que propiciam seu afloramento e as pessoas mais suscetíveis a senti-la, declara:

Sentirão, pois, inveja aqueles que são ou parecem ser nossos pares, entendendo por pares aqueles que são semelhantes a nós em estirpe, parentesco, idade, disposição, reputação e posses. [...] Também os ambiciosos são mais invejosos do que os que não têm ambições. [...] E, em geral, os que buscam glória num determinado campo são mais invejosos nesse campo. [Por essa razão, invejamos] aqueles com quem rivalizamos em honras. (ARISTÓTELES, 2005, p. 190)

Com essas palavras, o filósofo esclarece o motivo de nos rivalizarmos principalmente com as pessoas que aspiram as mesmas coisas que nós, a quem podemos considerar pares. E o fato de nossos pares terem conseguido algo que não nos foi possível atingir passa a ser, para nós, motivo de desonra. Essa desonra pode conduzir ao ressentimento que, por sua vez, poderá desencadear a inveja.

Uma vez descrita a paixão da inveja, vejamos no que consiste o sentimento da emulação para, posteriormente, analisarmos seus possíveis reflexos na escrita acadêmica.

O termo “emulação”, do latim *aemulatio.onis*, refere-se ao sentimento de competição que faz com que alguém tente se igualar a outra pessoa ou a alguma coisa. Podemos entender tal sentimento como “certo pesar pela presença manifesta de bens valiosos que nos é possível adquirir” (ARISTÓTELES, 2003, p. 71). Sendo assim, de acordo com o filósofo grego, podemos ser levados a sentir emulação (ou desejo de imitação) quando estamos diante de bens honoríficos, virtudes e tudo que pode ser útil ou benéfico aos demais.

Se desde já começarmos a refletir sobre a escrita científica e a constituição de sua autoria, poderemos entender que, a todo o momento, nos confrontamos com situações em que a emulação pode ser suscitada, uma vez que, para Aristóteles, os que despertam emulação são “aqueles a quem muitos desejam igualar-se, ou de quem muitos querem ser conhecidos ou amigos, ou que muitos admiram ou nós próprios admiramos. E ainda aqueles a quem se tecem elogios ou louvores”. (ARISTÓTELES, 2015, p. 142-143)

Durante o processo de escrita acadêmica, lidamos, necessariamente, com autores a quem admiramos e cujas obras nos inspiram. Por essa razão, propomos que a emulação possa funcionar como um antídoto à sua paixão “irmã”: a inveja.

O filósofo grego contrapõe a emulação à inveja, evidenciando o caráter construtivo da primeira em relação ao caráter destrutivo da segunda, com as seguintes palavras:

Se a emulação consiste num certo mal-estar ocasionado pela presença manifesta de bens honoríficos e que se podem obter em disputa com quem é nosso igual por natureza, não porque tais bens pertençam a outrem, mas porque também não nos pertencem (razão pela qual a emulação é uma coisa boa e própria de pessoas de bem, ao passo que a inveja é desprezível e própria de gente vil; assim, **enquanto uns, através da emulação, se**

preparam para conseguir esses bens, outros, pelo contrário, através da inveja, impedem que o vizinho os consiga), é forçoso admitir, então, que êmulos são aqueles que se julgam dignos de bens que não têm mas que lhes seria possível vir a obter, uma vez que ninguém ambiciona aquilo que lhe é manifestamente impossível. (ARISTÓTELES, 2005, p. 192, grifos nossos)

A descrição acima nos ajuda a refletir sobre a constituição adequada da autoria ao considerarmos o fato de que tornar-se autor significa alcançar o *status* que outros já alcançaram. A esse respeito, William Zinsser, autoridade em escrita acadêmica, sugere a seguinte estratégia:

Aprende-se a escrever por imitação. Se alguém me perguntasse como aprendi a escrever, eu diria que aprendi ao ler homens e mulheres que redigiam da forma como eu gostaria de redigir e ao tentar descobrir como eles o faziam. (ZINSSER, 2006, p. 34, tradução nossa)⁴⁹

Acrescidos das reflexões de Zinsser, podemos concluir que para nos tornarmos autores, podemos nos espelhar em autores que admiramos e cuja redação apreciamos. Porém, isso não nos permite tomar posse do percurso percorrido por nossos pares. Cabe a nós, a todo o momento, construir nosso próprio caminho, sem atalhos. E isso significa construir a trilha da verdadeira autoria por meio da leitura, da interpretação, da interação com outros textos e seus autores, travando com eles um diálogo e uma incansável reflexão.⁵⁰

3.2 Do temor à confiança

Outra paixão que pode nos acompanhar no momento em que estamos diante de um papel em branco é a do temor. Em termos aristotélicos, considerando as traduções brasileiras, o sentimento do temor equivale-se ao do medo. Essa equivalência pode ser observada nos seguintes excertos: “o **medo** consiste numa situação aflitiva ou numa perturbação causada pela representação de um mal iminente, ruinoso ou penoso” (ARISTÓTELES, 2015, p. 127, grifo nosso) e também em: “se o **temor** é isto, forçoso é admitir que as coisas **temíveis** são as que parecem ter um enorme poder de destruir ou de provocar danos que levem a grandes tristezas” (ARISTÓTELES, 2015, p. 127, grifos nossos). Em termos práticos, podemos considerar “medo” e “temor” como sinônimos na obra aristotélica.⁵¹

Isso dito, vamos observar de que maneira o medo pode se instalar durante o processo de construção da autoria. Aristóteles declara que tememos “os que amedrontam os que são mais poderosos que nós, pois, se podem prejudicar os que nos são superiores, mais podem prejudicar-nos a nós.” (ARISTÓTELES, 2015, p. 128). Podemos transpor essa citação para a relação professor/aluno no contexto escolar. Muitas vezes, o aluno é levado a escrever com a certeza de que seu único e provável leitor será o seu professor, que, em termos hierárquicos, lhe é superior e, de alguma forma, poderá prejudicá-lo ou puni-lo por meio de uma nota ruim. Esse sentimento de um mal eminente, por parte do aluno, frente ao poder de destruição, que ele atribui ao professor, pode gerar nele grande temor. O medo, de acordo com os preceitos da psicologia, gera paralisia e, como consequência, impede

⁴⁹ “*Writing is learned by imitation. If anyone asked me how I learned to write, I'd say I learned by reading the men and women who were doing the kind of writing I wanted to do and trying to figure out how they did it.*”

⁵⁰ Acerca desse tema, remetemos o leitor à leitura das seguintes obras: *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (ORLANDI, 1996) e *Professor e autoria: interpretações sobre o ler e escrever* (PACÍFICO, 2013).

⁵¹ Acerca da distinção entre “temor” e “medo” e suas consequências para a análise linguística, sugerimos a leitura do texto “Medo ou temor? Aproximações e afastamentos de sentidos no texto bíblico”, da mesma autora (SILVEIRA; FIGUEIREDO; CARDOSO, 2015).

o aluno de trilhar o caminho de construção da autoria.

Assim como a emulação fez-se antídoto para o sentimento da inveja, acreditamos que a paixão da confiança, tal como descrita pelo filósofo, consiga combater os efeitos do sentimento de temor.

Nas obras aristotélicas, a confiança é também traduzida como “segurança” e comporta o sentido de “coragem”. De acordo com o autor:

a confiança é o contrário do medo, e o que inspira confiança é o contrário do que inspira medo, de modo que a esperança é acompanhada pela representação de que as coisas que estão próximas podem salvar-nos, ao passo que as que causam temor não existem ou estão longe. (ARISTÓTELES, 2015, p. 129)

Ainda conforme o raciocínio do estagirita, a confiança é adquirida por meio da experiência. Dessa maneira, enquanto o medo nos paralisa, a confiança nos lança em direção a novas experiências. Assim, é a confiança o que nos faz crer que teremos êxito. Somente ela nos transformará em cientistas, sem medos de inovações e verdadeiros geradores de conhecimento. (cf. VOLPATO, 2010, p. 40 e 48)

Corroboramos nosso raciocínio a reflexão de Pacífico (2013), para quem, a pretensão, a coragem de escrever e de publicar-se constituem condições fundamentais para o surgimento da autoria.

3.3 Da vergonha à impudência

Paralelamente aos sentimentos supracitados, encontramos, nas descrições aristotélicas, a paixão da vergonha, que vem a ser: “certo pesar ou perturbação de espírito relativamente a vícios⁵², presentes, passados ou futuros, suscetíveis de comportar uma perda de reputação” (ARISTÓTELES, 2015, p. 130). Mais importante do que isso, porém, é entender que a vergonha nada mais é do que “uma representação imaginária que afeta a perda de reputação” (ARISTÓTELES, 2015, p. 132). Por isso, quando sentimos vergonha é porque tomamos o outro em alta conta, isto é, o consideramos em demasia.

Esse sentimento também pode ser facilmente transposto para a relação que estabelecemos diante das pessoas que lerão nossos textos, pois, como ressalta o estagirita, “interessa-nos a opinião de quem nos admira, de quem admiramos ou por quem queremos ser admirados” (ARISTÓTELES, 2015, p. 132). Diante da expectativa frustrada em relação a esse feito, sentimos vergonha.

Para combater tal sentimento, encontramos o seu oposto: a impudência ou desvergonha. Esse sentimento é, segundo o filósofo, exatamente o contrário de tudo o que foi exposto sobre a vergonha. Tanto a vergonha como a impudência expressam nossa reação à imagem que os outros fazem de nós, são, portanto, formas de relacionamento com o outro. Assim, na vergonha, sinto-me inferior, ao passo que, na impudência, reafirmo minha superioridade, sem me atentar para o outro, ou seja, tomo a imagem que o outro forma de mim como indiferente, nula. “No primeiro caso, a interiorização do olhar do outro devolve-me uma imagem inferior de mim mesmo. A impudência, ao contrário, consagra praticamente a não essencialidade do outro, o fato de

⁵² Tudo o que é excessivo no comportamento humano é tomado, por Aristóteles, como vício.

que a imagem que ele tem de mim carece de importância.” (MEYER, 2000, p. XLV)

Em termos práticos, a impudência constitui uma arma contra a vergonha. Sendo assim, quando, sujeitos à vergonha, nos sentirmos inferiorizados frente aos nossos possíveis leitores, talvez seja a hora de lançarmos mão dessa outra emoção aristotélica e, assim, abrandarmos a relevância do olhar do outro sobre nós. Em outras palavras, em vez de me deixar levar pela vergonha, que me faz retroceder, busco em mim a impudência, que me liberta do julgamento alheio.

3.4 Um balanço sobre os afetos e a escrita científica

As contribuições de Aristóteles neste trabalho concernem, sobretudo, à descrição das paixões humanas, porém, a forma como optamos por confrontar certas paixões a outras, isto é, como opusemos a emulação à inveja, bem como a confiança ao temor e a impudência à vergonha, encontra sua justificativa em um pensamento de Platão, mestre de Aristóteles.

Na visão platônica, a alma humana encontra-se dividida, havendo, portanto, lugar para que nela se trame o jogo das paixões, dos desejos sensíveis. Assim, no *Fedro*, Platão recorre às seguintes imagens para descrever como se comportam os apetites humanos e como esses escapam à razão.

A alma é comparada a animais atrelados, conduzidos por um cocheiro que tenta harmonizar os puxões dos cavalos que se lançam em direções opostas. Eles simbolizam de fato **o apetite sensível e a força de resistência a esse apetite**, enquanto o cocheiro representa o julgamento da razão sã. (MEYER, 2000, p. XXI, grifos nossos)

O que nos chama a atenção, nessa concepção platônica da alma humana, é a prevalência das paixões em detrimento da razão. Entendamos melhor. De alguma maneira, ao longo da vida, somos conduzidos a acreditar que devemos controlar nossas emoções por meio de imposições racionais. Contrariamente a essa lógica, Platão nos fornece uma imagem em que o cocheiro (símbolo da razão) só conseguirá harmonizar sua tropa (representante das emoções), quando nela houver um cavalo que represente o “apetite sensível” e a ele se oponha um outro cavalo que represente “a força de resistência a esse apetite”. Portanto, não é a razão que se opõe à paixão, e, sim, a uma paixão deve se opor outra paixão com força suficiente para neutralizá-la. Só assim a razão terá, sobre elas, algum controle.

Seguindo essa alegoria platônica, é que propusemos o entendimento de algumas paixões humanas como possíveis entraves afetivos para o processo de constituição da autoria de textos científicos. A essas paixões, apresentamos seus antídotos, isto é, outras paixões com energia suficiente para neutralizá-las e combatê-las. Daí as oposições aqui revisitadas: inveja < > emulação, temor < > confiança, vergonha < > impudência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos refletir sobre algumas contribuições que os estudos retóricos, mormente o das paixões aristotélicas, podem trazer para o complexo trajeto da constituição da autoria de textos científicos. Buscamos lançar algumas bases para a reflexão de certos entraves afetivos que, por

vezes, se interpõem no transcurso da redação de textos acadêmicos.

Reflexões dessa natureza, dentre inúmeras outras que esse campo de estudo nos pode proporcionar, levam-nos a pensar que a inserção da Retórica, como disciplina, nas grades curriculares de cursos distintos, em muito contribuiria para o universo acadêmico e, sem dúvida, para o surgimento e a consolidação da autoria nos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ABREU, A. S. Breves considerações sobre a arte de Argumentar. *In*: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (org.). **Sentidos em movimento**: identidade e argumentação. Franca: UNIFRAN, 2008. p. 63-90. (Coleção Mestrado, 3)

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. rev. Prefácio e Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução do original em grego de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, 1)

FIGUEIREDO, M. F.; FERREIRA, L. A. Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da lingüística e da psicanálise. *In*: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. (org.). **Sentidos em movimento**: identidade e argumentação. Franca: UNIFRAN, 2008. p. 195-213. (Coleção Mestrado, 3)

FIGUEIREDO, M. F. A retórica a serviço da ética: questões de autoria na escrita científica. *In*: LUCAS, P. O.; RODRIGUES, R. F. L. (org.). **Temas e rumos nas pesquisas em linguística (aplicada)**: questões empíricas, éticas e práticas. v. 1. Campinas: Pontes, 2015. p. 13-28.

FIGUEIREDO, M. F. Desejo e desdém: as paixões da inveja, da emulação e do desprezo. *In*: FIGUEIREDO, M. F.; RAMÍREZ VIDA, G.; FERREIRA, L. A. (org.). **Paixões aristotélicas**. Franca: Unifran, 2017. (Série Foco, 2). p. 208-225.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEYER, M. Prefácio. *In*: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEYER, M. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.

- ORLANDI, E. P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PACÍFICO, S. M. R. Professores em movimento discursivo: espaços para interpretação e autoria. *In*: PACÍFICO, S. M. R. (org.). **Professor e autoria: interpretações sobre o ler e escrever**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SILVEIRA, A. C. F.; FIGUEIREDO, M. F.; SANTANA, S. C. Medo ou temor? Aproximações e afastamentos de sentidos no texto bíblico. *In*: MAGALHÃES, A. L.; FERREIRA, L. A.; FIGUEIREDO, M. F. (org.). **A retórica do medo**. 2. ed. Franca / São Paulo: Cristal / Grupo ERA, 2015. p. 195-208.
- FERREIRA, L. A. A dimensão da escrita na escola. *In*: FERREIRA, L. A. (org). **Retórica, escrita e autoria na escola**. São Paulo: Blucher / Grupo ERA, 2018. p. 23-35.
- VOLPATO, G. **Bases teóricas para redação científica: por que seu artigo foi negado?** São Paulo: Cultura Acadêmica / Vinhedo: Scripta, 2007.
- ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ZINSSER, W. **On writing well: the classic guide to writing nonfiction**. 30. ed. New York: Collins, 2006.